

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA MARIA MARQUES PALAGI

**AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM (AVAS) COMO ESPAÇOS DE
POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA AÇÃO DOCENTE, NO ENSINO
PRESENCIAL: REGISTRO DE UMA EXPERIÊNCIA EM GESTÃO**

**CURITIBA
2011**

ANA MARIA MARQUES PALAGI

AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM (AVAS) COMO
ESPAÇOS DE POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA AÇÃO DOCENTE,
NO ENSINO PRESENCIAL: REGISTRO DE UMA EXPERIÊNCIA EM GESTAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina Metodologia da Pesquisa Científica como requisito parcial para aprovação no curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Mídias Integradas na Educação, Coordenação de Integração de Políticas de Educação a Distância da Universidade Federal do Paraná.

Prof^ª. orientadora: MSc Suzana Maria Marques Zamberlan

CURITIBA
2011

Dedico este trabalho aos alunos, abaixo denominados, da primeira série do Curso de Formação de Docentes, período matutino, do Colégio Estadual Wilson Joffre, Cascavel, PR, pela disposição em participar desta pesquisa.



[Amanda Almeida](#)



[Amanda Carraro](#)



[Angela Rosa Rocha](#)



[Bruna Bitencourt](#)



[Bruna Aparecida Ramos](#)



[Bruno Moreira da Silva](#)



[carolina souza](#)



[Danielle Bonetti](#)



[Deborah Cristiane Albino](#)



[Deise Malta](#)



[Dominique Elizandra Mota](#)



[Elisana Costa](#)



[Eloisa Fabrini dos Santos](#)



[Evandro Sozo](#)



[Evelin Daniel](#)



[Flávia de Jesus Portilho Oliveira](#)



[Gabriela Lorenzatto Silveira](#)



[Gessika Karyne Saraiva Oliveira](#)



[Habita NS](#)



[Jessica Figueiredo](#)



[Juliana Araujo](#)



[Juliane Silva Rodrigues](#)



[Karise Sabrina](#)



[Ketllin Simoni](#)



[leticia carvalho](#)



[Leticia Guimarães Alves](#)



[mariane de lara antunes](#)



[Miriã Barbosa Lino](#)



[Natália Daminski](#)



[Patricia Alves](#)



[rosane dill](#)



[Thais Dalla Costa](#)



[thayse morgana geraldo](#)



[Vanderléia Patrícia de lima](#)

Agradeço:

à Universidade Federal do Paraná, pela proposta de Especialização;

à professora Sandramara Scandelari Kusano de Paula Soares;

à professora Silvia Reich;

à coordenação Ana Rita Serenato Bortolozzo;

à Tutora Suzana Maria Marques Zamberlan;

a todos os professores que conosco trabalharam com suas disciplinas;

ao Colégio Estadual Wilson Joffre;

à Adelize e ao Luís, pela eterna disponibilidade.

Banda Larga Cordel

*Pôs na boca, provou, cuspiu
É amargo, não sabe o que perdeu
Tem um gosto de fel, raiz amarga
Quem não vem no cordel da banda
larga
Vai viver sem saber que mundo é o
seu
Mundo todo na ampla discussão
O neuro-cientista, o economista
Opinião de alguém que esta na pista
Opinião de alguém fora da lista
Opinião de alguém que diz que não
Uma banda da banda é umbanda
Outra banda da banda é cristã
Outra banda da banda é kabala
Outra banda da banda é alcorão
E então, e então, são quantas
bandas?
Tantas quantas pedir meu coração
E o meu coração pediu assim, só
Bim-bom, bim-bom, bim-bom, bim-
bom*

*Ou se alarga essa banda e a banda
anda
Mais ligeiro pras bandas do sertão
Ou então não, não adianta nada
Banda vai, banda fica abandonada
Deixada para outra encarnação
Rio Grande do Sul, Germania
Africano-ameríndio Maranhão
Banda larga mais demografizada*

*Ou então não, não adianta nada
Os problemas não terão solução
Piraí, Piraí, Piraí
Piraí bandalargou-se um pouquinho
Piraí infoviabilizou
Os ares do município inteirinho
Com certeza a medida provocou
Um certo vento de redemoinho
Diabo de menino agora quer
Um ipod e um computador novinho
Certo é que o sertão quer virar mar
Certo é que o sertão quer navegar
No micro do menino internetinho
O Netinho, baiano e bom cantor
Ja faz tempo tornou-se um provedor -
provedor de acesso
À grande rede www
Esse menino ainda vira um sábio
Contratado do Google, sim sinho
Diabo de menino internetinho
Sozinho vai descobrindo o caminho
O rádio fez assim com seu avô
Rodovia, hidrovía, ferrovia
E agora chegando a infovia
Pra alegria de todo o interior
Meu Brasil, meu Brasil bem brasileiro
O You Tube chegando aos seus
grotões
Veredas do sertão, Guimarães Rosa,
Ilíadas, Lusíadas, Camões,
Rei Salomão no Alto Solimões,
O pé da planta, a baba da babosa.
Pôs na boca, provou, cuspiu
É amargo, não sabe o que perdeu
É amarga a missão, raiz amarga
Quem vai soltar balão na banda larga
É alguém que ainda não nasceu*

Gilberto Gil

RESUMO

Esta pesquisa é oriunda do Curso de Especialização em Mídias na Educação da UFPR. Esse trabalho pensa nos avanços das tecnologias e as exigências de novas práticas pedagógicas nos espaços escolares. Justificou-se pelas tecnologias se constituírem, nos últimos tempos, o grande desafio, seja em seu domínio, compreensão e uso, pelos docentes. Compreende, também, que houve grande avanço do uso das tecnologias na modalidade à distância, no entanto, o ensino presencial ainda sofre desta ausência ou de preconceitos. Por isso, e pela necessidade em pensar novas práticas pedagógicas que levou a cabo esta pesquisa. A pergunta norteadora foi de que forma os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAS), com suas ferramentas, possibilidades tecnológicas, constituem-se em espaços de perspectivas e desafios na ação docente, no ensino presencial? Teve como objetivos demonstrar o uso desses Ambientes Virtuais de Aprendizagem no ensino presencial; promover espaços possíveis de práticas docentes concretas em uso de AVAs, nessa modalidade; implementar ações concretas do uso desses ambientes e contribuir, com a pesquisa, a uma nova postura de formação e atuação docente. Sua metodologia se deu através da pesquisa ação, com alunos do Curso de Formação de Docentes, primeira série, durante seis meses, compreendido de agosto a dezembro de 2010, na disciplina de Fundamentos Históricos da Educação. A fundamentação teórica teve autores como Belloni, Moran, Bortolozzo *et al.*, Muzinatti, Altoè, documentos do MEC e da SEED/PR, entre outros.

Palavras-Chave: Ambientes virtuais de aprendizagem, educação, plataforma MOODLE.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Curso Formação de Docente – Colégio Estadual Wilson Joffre – Fundamentos Históricos da Educação	17
Figura 2	Laboratório Paraná Digital – Efetivação da matrícula no Ambiente Virtual de Aprendizagem	18
Figura 3	Tela da matrícula dos participantes	18
Figura 4	Lista de participação: Ferramenta Fórum.....	19
Figura 5	Relatório do chat realizado	22
Figura 6	Alunos no Laboratório do Paraná Digital	38
Figura 7	Alunos no Laboratório do Paraná Digital	38
Figura 8	Alunos no Laboratório do Paraná Digital	39
Figura 9	Imagem da tela do Curso de Formação de Docente – Colégio Estadual Wilson Joffre	39
Figura 10	Imagem da tela do Curso de Formação de Docente – Colégio Estadual Wilson Joffre	40
Figura 11	Imagem da tela do Curso de Formação de Docente – Relatório das atividades – Colégio Estadual Wilson Joffre	40
Figura 12	Imagem da tela do Curso de Formação de Docente – Relatório das atividades – Colégio Estadual Wilson Joffre	40

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
Palavras-Chave: Ambientes virtuais de aprendizagem, educação, plataforma MOODLE.....	5
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	6
SUMÁRIO.....	7
1 INTRODUÇÃO.....	8
2 REVISÃO DE LITERATURA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1. EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, LDB E O ENSINO PRESENCIAL.....	12
2.2. DEFINIÇÃO DE AMBIENTE VIRTUAL – AVAS.....	14
3 MATERIAL, MÉTODO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	16
3.1. MARCO SITUACIONAL E MÉTODO.....	16
3.2. A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO ESTADUAL WILSON JOFFRE COM A PLATAFORMA MOODLE NO ENSINO PRESENCIAL.....	17
3.3. OPINIÃO DOS ALUNOS EM SUAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS NO AMBIENTE VIRTUAL.....	19
3.4. OPINIÃO DOS RESPONSÁVEIS, PELOS ALUNOS, SOBRE O AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM.....	24
3.5. AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM – MOODLE, PELOS DISCENTES.....	26
3.6. AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM – MOODLE, PELA DOCENTE.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	35
APÊNDICE.....	38
ANEXOS.....	42
Questionário 01.....	42

1 INTRODUÇÃO

As exigências de novas práticas pedagógicas frente ao avanço da tecnologia é algo imperativo no espaço escolar, visto que a escola não se constitui em um *locus* à parte da sociedade. Por isso, como a sociedade, ela está povoada pelos avanços tecnológicos, materializadas em um lápis, em livros, em computadores, câmeras digitais, CD, TV multimídia, DVD, em MP3, em Ambientes Virtuais, no ar condicionado, afinal numa gama enorme de objetos criados pelo homem com sua interferência na natureza.

O espaço escolar, então, que compreendemos como parte dessa totalidade deve estar atento a essas novas relações. Ao entender a educação como um processo que se constrói nas relações sociais, a escola, como instituição, percebe essa construção no momento em que otimizar suas tecnologias, mídias, recursos, ferramentas em prol do processo ensino/aprendizagem.

Diante dessas mudanças, na forma de nos organizarmos socialmente, o espaço físico fixo, e o tempo cronológico determinado, do aluno, foram alterados, pois ele vive do tempo e do espaço proporcionado pelas suas conexões, e pelos conflitos que isso gera.

O aluno sente-se 'vivo' se está conectado e disso se vale esta pesquisa, no aproveitamento dessa rede de informação que é a informática, pela internet e outros recursos. Com isso efetivado é possível auxiliar, possibilitar aos professores práticas pedagógicas, nos ambientes virtuais de aprendizagem, contemplando esse novo sujeito/aluno, com um novo perfil, construindo uma nova reflexão em torno dessas possíveis práticas, tanto do ensino como na melhoria do processo de aprendizagem. Isso também demanda um novo perfil de professor.

Essa pesquisa então se depara com a situação do hiato existente entre a educação a distância (EaD) e a educação presencial, mais específico nas práticas pedagógicas ofertadas pelos docentes, pois se a Educação a distância vem impregnada na obrigatoriedade dos espaços virtuais e das ferramentas que estes espaços oferecem isso parece não ter se constituído em práticas na modalidade presencial.

No entanto o aluno convive com as tecnologias e seu espaço de aprendizagem não é apenas o espaço físico da sala de aula, visto as conexões proporcionadas pelo aparato tecnológico, dominado pela maioria desses alunos.

Diante disso se percebeu e se pretende responder a pergunta norteadora dessa pesquisa: De que forma os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAS), com suas ferramentas, possibilidades tecnológicas, se constituem em espaços de possibilidades e desafios na ação docente, no ensino presencial?

Tem, então, como objetivo geral demonstrar, no ensino presencial, Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAS) como espaços de possibilidades e desafios na ação docente, e como específicos promover espaços possíveis de práticas docentes concretas com esses ambientes, bem como implementar ações concretas de seu uso e contribuir, com a pesquisa-ação, a uma nova postura de formação e atuação docente.

Então esta pesquisa, está estruturada em cinco partes, a saber: a *introdução* onde será apresentada a questão norteadora e sua problematização, os objetivos, o contexto e os participantes, justificativa da pesquisa, método e metodologia, na segunda, *revisão de literatura*, serão apresentadas revisões de trabalhos, teoria e pesquisas sobre as tecnologias na educação e a formação do professor frente às tecnologias; os ambientes virtuais de aprendizagem e suas possibilidades, propostas de trabalho com o AVA Moodle aplicado na Educação Básica, ensino médio e legislações pertinentes ao tema educação a distância; a *metodologia* onde será descrito o processo da pesquisa, da coleta e das informações, da participação dos sujeitos envolvidos, como as ações foram construídas e desencadeadas, o universo pesquisado, a coleta de informações, a análise dos dados, a forma de discussão dos resultados e os procedimentos utilizados; a *discussão dos resultados* que serão apresentados os resultados, incluindo as implicações teóricas e práticas e por fim as *considerações gerais*.

2 REVISÃO DE LITERATURA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa tem como norte demonstrar as possibilidades dos Ambientes Virtuais de aprendizagem no ensino presencial, mas pretende também dar conta de outras questões conceituais tais como a formação de professores frente às TCIs, fundamentação sobre o ensino presencial e ensino a distância, concepções de tecnologias no espaço escolar da rede estadual de ensino.

Belloni, no texto *Tecnologia e Formação de professores: Rumo a uma pedagogia pós-moderna?* trata as conquistas da sociedade moderna, com as necessidades da educação e da comunicação, onde a educação deve mediar o meio ambiente povoado por máquinas “inteligentes”, e com isso a autora delinea caminhos para a formação de professores. “[...] tudo depende da pedagogia de base que inspira e orienta estas atividades: a inovação ocorre muito mais nas metodologias e estratégias de ensino do que no uso puro e simples de aparelhos eletrônicos” (BELLONI, 1999, p. 73).

Esse desafio passa por novas posturas da escola, dos professores e desafia o currículo escolar, como um todo:

Hoje os padrões de mídia estão mudando. Crianças e jovens clicam de uma mídia para outra, em busca do que os interessa e com esse objetivo usam a mídia que estiver mais a mão: materiais impressos, a televisão, a *internet* ou o celular. Se olharmos para esses usos das mídias, veremos que eles são complexos, intensivos e especialmente digitalizados e baseados na *internet*. As crianças e os jovens usam as mídias de modo convergente e interativo. Por exemplo: a TV pode estar ligada em um canal de música, enquanto o menino joga um videogame ou faz pesquisa para um trabalho escolar na *internet* ou está conectado ao *Messenger*, ao *Facebook* ou ao *My Space*, comunicando-se com amigos. Além desse uso convergente das mídias, e de que as próprias mídias estão se fundindo, um aspecto interessante é a entrada em cena da *Web 2.0*. (TUFTE e CHRISTENSEN, 2009, p. 99).

Belloni (1999) então afirma que é necessário capacitar aos professores para as inovações tecnológicas e para as conseqüências pedagógicas e isso se dará pela formação continuada, diante das necessidades e dos novos alunos que chegam à escola.

TUFTE (2005) *apud* TUFTE e CHRISTENSEN ao pensarem essas gerações, escrevem:

Hoje presenciamos uma barreira especial entre as gerações. Isso prevalece especialmente no caso das habilidades operacionais das mídias, estando as crianças e os jovens muito à frente dos adultos na experimentação e no uso de computadores e celulares, principalmente em termos de comunicação. Os meninos e as meninas são o pelotão avançado, enquanto pais e professores os assistem cruzar velozmente as novas paisagens midiáticas, tentando alcançá-los (TUFTE&CHRISTENSEN, (2009, p. 100).

Hoje a formação continuada se constitui como um processo ao longo da vida, pois as demandas exigem que os professores tenham essa formação frente aos alunos que encontram em seu cotidiano. Mesmo que os conteúdos construídos pela humanidade permaneçam em sua essência, a prática pedagógica em seus encaminhamentos metodológicos exige as mudanças proporcionadas pelas tecnologias. Ao exemplificar, pode-se afirmar que Piaget lido no material impresso na década de 80 e 90, hoje será lido no *e-reader*.

Carmo propõe definir as finalidades da educação numa perspectiva de educação intercultural, voltada para o desenvolvimento social e para a construção da cidadania, e destaca o papel importante dos professores como grupo estratégico. (BELLONI, p. 1999, p. 80).

Belloni (1999, p. 87) reforça outras literaturas sobre o tema: “qualquer melhoria ou inovação em educação passa necessariamente pela melhoria e inovação na formação de formadores.” E aponta ainda, a mesma autora, que as dimensões na formação de professores devem ser na pedagógica, tecnológica e didática.

J. M. Moran aponta a preocupação com a educação diante das mudanças profissionais, o professor do futuro próximo, que na verdade é um futuro-presente:

A educação será mais complexa, porque cada vez sai mais do espaço físico da sala de aula para muitos espaços presenciais e virtuais; porque tende a modificar a figura do professor como centro da informação para que incorpore novos papéis como os de mediador, de facilitador, de gestor, de mobilizador. Desfocalizará o professor para incorporar o conceito de que todos aprendemos juntos, de que a inteligência é mais e mais coletiva, com múltiplas fontes de informação. A educação continuará na escola, mas se estenderá a todos os espaços sociais, principalmente aos organizacionais. As corporações, pressionadas pela competição e pela necessidade de atualização constante, cada vez mais se transformarão em organizações de aprendizagem e investirão no *e-learning*, na aprendizagem mediada por tecnologias telemáticas. [...] O professor está começando a aprender a trabalhar em situações muito diferentes: com poucos e muitos alunos, com mais ou menos encontros presenciais, com um processo personalizado

(professor autor-gestor) ou mais despersonalizado (separação entre o autor e o gestor de aprendizagem). Quanto mais situações diferentes experimentar, estará mais bem preparado para vivenciar diferentes papéis, metodologias, projetos pedagógicos, muitos ainda em fase de experimentação. (MORAN, 2004, p. 34).

Então, a pesquisa tem como objetivo central buscar apontar AVAS que possam contribuir com a prática do professor, mas para que isso ocorra deve ter como suporte a formação do professor, frente essas demandas.

Tânia Porto escreve:

É uma pedagogia que estabelece comunicação escolar com os conhecimentos, com os sujeitos, considerando as mídias na escola. Professor e alunos dialogam com as mídias, ao invés de falar delas (Porto, 2000). Assim, em tal complexidade, é uma teoria pedagógica que circula entre os sujeitos e as mídias, a ciência e o senso comum, a ação e a reflexão, a mente e o corpo, a razão e a sensibilidade, o coletivo e o individual, o convencional e o não convencional. (PORTO, 2008, p.45).

Autores como BORTOLOZZO, FERREIRA, GUIMARÃES, PERES E BARROS (2009), ao tratarem do processo de mediação, afirmam o compromisso que o professor deve ter com o conteúdo expresso no currículo escolar, com metodologias específicas, e essas metodologias ao serem midiaticizadas se valem da utilização de recursos tecnológicos que potencializam a aprendizagem.

2.1. EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, LDB E O ENSINO PRESENCIAL

A LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, aponta os níveis e modalidades de ensino. Neste ponto ao tratar da Educação a distância, verifica-se que estão contempladas suas possibilidades de aplicação.

A LDB, portanto, abre possibilidades de usar o ensino a distância e por conseqüências suas ferramentas no Ensino presencial, que é o objeto desta pesquisa. Então em seu artigo 32 a mesma traz: § 4º. O ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizada como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais.

Já o Art. 80º afirma que o Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.

As Diretrizes Curriculares Estaduais do Estado do Paraná, tendo como exemplo a disciplina de Matemática - em seus encaminhamentos metodológicos quando sugerem o uso das tecnologias e ou das mídias na prática docente, tem o seguinte texto:

[...] O uso de mídias tem suscitado novas questões, sejam elas em relação ao currículo, à experimentação matemática, às possibilidades do surgimento de novos conceitos e de novas teorias matemáticas (BORBA, 1999). Os recursos tecnológicos, como o software, a televisão, as calculadoras, os aplicativos da Internet, entre outros, têm favorecido as experimentações matemáticas e potencializado formas de resolução de problemas. A Internet é um recurso que favorece a formação de comunidades virtuais que, relacionadas entre si, promovem trocas e ganhos de aprendizagem (TAJRA, 2002). Muitas delas, no campo da Matemática, envolvem professores, alunos e outros interessados na área. [...] O trabalho com as mídias tecnológicas insere diversas formas de ensinar e aprender, e valoriza o processo de produção de conhecimentos. (DCE/MATEMÁTICA, 2009, p. 66).

Moran, com seu artigo *Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias*, dará fundamentação ao tratar dessa possibilidade de auxílio entre os ambientes e ferramentas do ensino a distância para o presencial:

Se temos dificuldades no ensino presencial, não as resolveremos com o virtual. Se olhando-nos, estando juntos temos problemas sérios não resolvidos no processo de ensino-aprendizagem, não será "espalhando-nos" e "conectando-nos" que vamos solucioná-los automaticamente. Podemos tentar a síntese dos dois modos de comunicação: o presencial e o virtual, valorizando o melhor de cada um deles. Aproveitar o melhor dos dois modos de estar. Estar juntos fisicamente é importante em determinados momentos fortes: conhecer-nos, criar elos, confiança, afeto. Conectados, para realizar trocas mais rápidas, cômodas e práticas. Realizar atividades que fazemos melhor no presencial: comunidades, criar grupos afins (por algum critério específico); Definir objetivos, conteúdos, formas de pesquisa de temas novos, de cursos novos. Traçar cenários, passar as informações iniciais necessárias para situar-nos diante de um novo assunto ou questão a ser pesquisada. A comunicação virtual permite interações espaço-temporais mais livres; a adaptação a ritmos diferentes dos alunos; novos contatos com pessoas semelhantes, fisicamente distantes; maior liberdade de expressão a distancia. Certas formas de comunicação as conseguiremos fazer melhor a distancia, por dificuldades culturais e educacionais de abri- nos no presencial. (MORAN, 2000, p.137).

Hoje então o uso de ambientes virtuais torna-se cada vez mais freqüente. Muzinatti (2010), em seu artigo, disponível *on line*, *Mundo MOODLE: Conhecimento em Construção* afirma:

Muitas Universidades e Escolas já utilizam o Moodle, não só para cursos

totalmente virtuais, mas também como apoio aos presenciais. Também é indicado para outros tipos de atividades que envolvem formação de grupos de estudo, treinamento de professores e até desenvolvimento de projetos. Existem outros setores, não ligados diretamente à educação, que utilizam o Moodle como, por exemplo, empresas privadas, ONGs e grupos independentes que interagem na internet.

O Ministério da Educação – MEC tem uma secretaria especial para a educação a distância, com prioridade as escolas públicas brasileiras, que:

[...] atua como um agente de inovação tecnológica nos processos de ensino e aprendizagem, fomentando a incorporação das tecnologias de informação e comunicação (TICs) e das técnicas de educação à distância aos métodos didático-pedagógicos. Além disso, promove a pesquisa e o desenvolvimento voltados para a introdução de novos conceitos e práticas nas escolas públicas brasileiras. (BRASIL, MEC, 2009).

2.2. DEFINIÇÃO DE AMBIENTE VIRTUAL – AVAS

Essa pesquisa ao pensar nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) como espaços possíveis de ensino/aprendizagem, busca defender a questão de um espaço onde o professor, diante de tantas informações, possa organizar suas práticas, suas avaliações e criar possibilidades que estejam sempre presentes ao aluno, e isso os ambientes virtuais proporcionam. Eles conseguem criar uma lógica, avaliar o percurso, ou seja, organiza a informação.

A escola presencial, como é concebida, no espaço sala de aula com a presença física, predomina-se uma organização – que mesmo que muitos acreditem que é mais “real” ela na verdade é muito oscilante. Essa oscilação se dá pela própria dinâmica da escola, com suas atividades extraclasses, com o fator humano de falta de professores - e tantos outros problemas que envolvem o dia a dia, por isso, os espaços virtuais de aprendizagem podem auxiliar nestes imprevistos, com um planejamento, aparentemente aberto, mais extremamente organizado, pensado e planejado e que de certa forma é mais rígido.

José Manoel Moran afirma:

A matéria prima da aprendizagem é a informação organizada, significativa: a informação transformada em conhecimento. A escola pesquisa a informação pronta, já consolidada e a informação em movimento, em transformação, que vai surgindo da interação, de novos fatos, experiências, práticas, contextos. Existem áreas com bastante estabilidade informativa:

fatos do passado, que só se modificam diante de alguma nova evidência. E existem áreas, as mais ligadas ao cotidiano, que são altamente susceptíveis de mudança, de novas interpretações. As tecnologias nos ajudam a encontrar o que está consolidado e a organizar o que está confuso, caótico, disperso. Por isso é tão importante dominar ferramentas de busca da informação e saber interpretar o que se escolhe, adaptá-lo ao contexto pessoal e regional e situar cada informação dentro do universo de referências pessoais. Muitos se satisfazem com os primeiros resultados de uma pesquisa. Pensam que basta ler para compreender. A pesquisa é um primeiro passo para entender, comparar, escolher, avaliar, contextualizar, aplicar de alguma forma. (MORAN, 2010, p.108).

Ao se tratar de ambientes virtuais de aprendizagem pode-se exemplificar com: Teleduc, AulaNet, eProinfo, Amem, Rooda, Tidia-Ae, Moodle, A4 A4, LearningSpace.

Esta pesquisa usará o MOODLE, como AVA exemplificativo por ser de largo uso e se constituir em um *software* livre. Nas palavras de Muzinatti:

Moodle é um sistema de administração de atividades educacionais destinado à criação de comunidades on-line, em ambientes virtuais voltados para a aprendizagem. *Assim, o nome Moodle aplica-se tanto à forma como foi feito, como a uma sugestiva maneira pela qual um estudante ou um professor poderia integrar-se estudando ou ensinando num curso on-line.* (<http://moodle.org>) Esse software tem uma proposta bastante diferenciada: aprender em colaboração” no ambiente on-line, baseando-se na pedagogia sócio construtivista, a qual, como nos explica Martin Dougiamas — que desenvolveu o projeto e o lidera até hoje —, “*não só trata a aprendizagem como uma atividade social, mas focaliza a atenção na aprendizagem que acontece enquanto construímos ativamente artefatos (como textos, por exemplo), para que outros vejam ou utilizem*”. Por ser um projeto “Open Source” (sob as condições GNU-“General Public License”), ou seja: aberto, livre e gratuito, ele pode ser carregado, utilizado, modificado e até distribuído. [...]. [...] Há possibilidades de aplicação em diferentes práticas pedagógicas. Utilizar o Moodle não é uma tarefa difícil. Aliás, essa também é uma preocupação de Dougiamas que afirma ser fundamental “*que esta plataforma seja fácil de usar — de fato, deveria ser tão intuitiva quanto possível*”. (MUZATTI, 2005, p. 01).

No entanto o Moodle não poderá ser considerado apenas um espaço de transpor práticas presenciais aos espaços *on-line*, ele é um espaço de interação e de comunicação, mediado pelas TCIs.

3 MATERIAL, MÉTODO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1. MARCO SITUACIONAL E MÉTODO

Sendo a práxis social o ponto de partida e o ponto de chegada para se construir e para dar novos significados ao conhecimento, esta pesquisa então parte do ambiente natural da realidade do Curso de Formação de Docentes do Colégio Estadual Wilson Joffre, primeira série matutino. O Colégio Wilson Joffre é o Colégio mais antigo da cidade de Cascavel, com 51 anos de criação, tem hoje aproximadamente 2.500 alunos, e oferece ensino fundamental (séries finais, ensino médio, profissionalizante (normal e profuncionário, técnicos) sendo este último na modalidade à distância. Localiza no Centro da cidade e tem alcançados os maiores índices nas avaliações oficiais entre as escolas estaduais, de abrangência de seu núcleo de educação.

A turma a ser pesquisada se constitui de 37 alunos, sendo 91,09 % do sexo feminino. Esses alunos estão na faixa etária de 15 a 21 anos. São alunos provenientes de uma renda familiar entre 3 a 10 salários mínimos. Tem apenas dois, da totalidade que trabalham, com remuneração, mais de 4 horas diárias. 98 % são provenientes de outros bairros, e 2% são egressos da oitava série do Colégio Wilson Joffre.

As interpretações na pesquisa qualitativa partem do sujeito pesquisador, cabe escrever que a pesquisadora tem experiência e formação em Ensino a Distância. Usa de Ambientes virtuais de aprendizagem em turmas do ensino superior presencial e profissionalizante (Profuncionário), sendo esse da educação básica, na modalidade a distância.

A pesquisa então do tipo descritiva, pois, como afirma Lakatos (1990, p. 19): “delineia o que é’ - aborda também quatro aspectos: descrição, registro, análise e interpretação de fenômenos atuais, objetivando o seu funcionamento no presente”

Outra característica também apontada por Lüdke e André (1986, p. 11- 13) é que os dados coletados são predominantemente descritivos, coletados diretamente da e na situação estudada, que serão no Ambiente Virtual Moodle, da série

supracitada, bem como das relações presencias com a turma. O corte temporal e espacial será de agosto a dezembro de 2010.

3.2. A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO ESTADUAL WILSON JOFFRE COM A PLATAFORMA MOODLE NO ENSINO PRESENCIAL

O trabalho inicia em agosto com um primeiro contato com a turma, quando a professora assume a disciplina de Fundamentos Históricos da Educação. Foi então, informado de que os alunos usariam um ambiente virtual de aprendizagem, levando em consideração o que determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de que o ensino a distância poderá auxiliar a modalidade presencial.

Houve então a explanação do que era um ambiente, e os alunos se propuseram à pesquisa. Com isso, criou-se o ambiente, pois a professora tem a instalação do MOODLE, usado em outros cursos, como aponta a Figura 01.

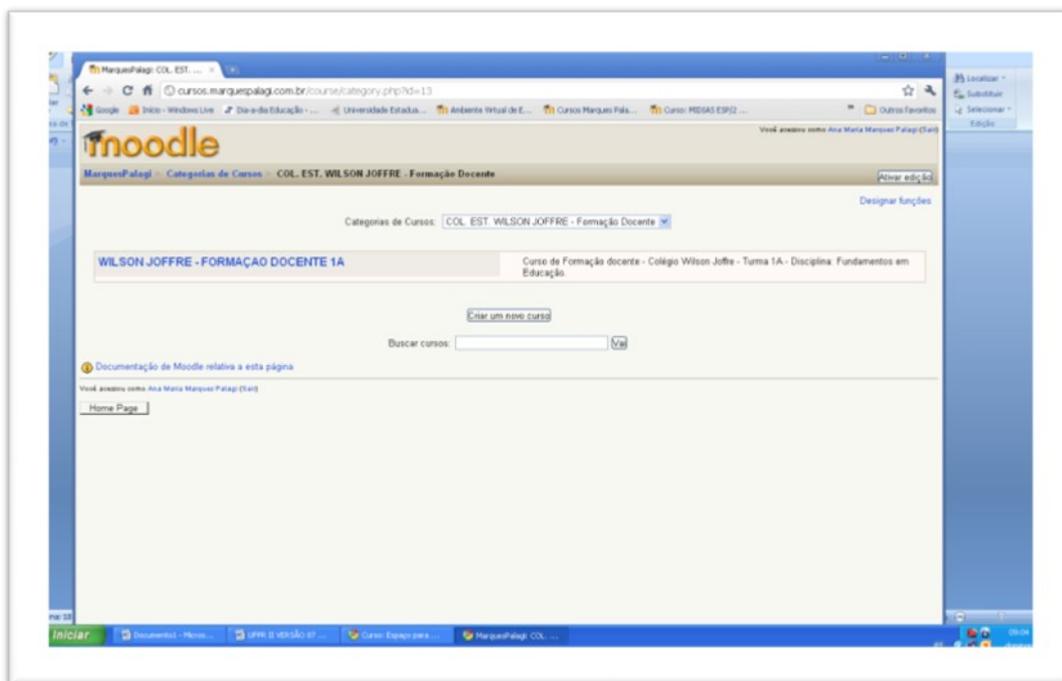


FIGURA 1 – CURSO FORMAÇÃO DE DOCENTE – COLÉGIO ESTADUAL WILSON JOFFRE – FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO - Fonte: Disponível em: <<http://cursos.marquespalagi.com.br/user/index.php?contextid=2632>>. Acesso em: 16/10/2010.

Os alunos usaram o laboratório do Paraná Digital para efetuar a matrícula e para conhecimento do ambiente.



FIGURA 2 – LABORATÓRIO PARANÁ DIGITAL – EFETIVAÇÃO DA MATRÍCULA NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM - Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Os alunos não apresentaram nenhuma dificuldade em efetuarem, a matrícula, no entanto houve dificuldade no e-mail, pois nesta faixa etária os mesmos não usam e não tem e-mail, quando possuem para cadastros obrigatórios em alguns sites, usam momentaneamente e não mais se recordam, principalmente das senhas.

Foto do usuário	Nome / Sobrenome	Cidade/Município	País	Último acesso ↑	Selecionar
	Amanda Almeida	Cascavel	Brasil	42 minutos 18 segundos	<input type="checkbox"/>
	Patricia Alves	Cascavel	Brasil	43 minutos 17 segundos	<input type="checkbox"/>
	Angela Rosa Rocha	Cascavel	Brasil	47 minutos 49 segundos	<input type="checkbox"/>
	Dominique Elizabetha Metz	Cascavel	Brasil	3 horas 56 minutos	<input type="checkbox"/>
	Juliane Silva Rodrigues	Cascavel	Brasil	4 horas 2 minutos	<input type="checkbox"/>
	Amanda Carraro	Cascavel	Brasil	4 horas 4 minutos	<input type="checkbox"/>
	Jessica Figueiredo	C.L.M	Brasil	1 dia 1 hora	<input type="checkbox"/>
	Letícia Cavalho	Cascavel pr	Brasil	1 dia 3 horas	<input type="checkbox"/>
	Gabriela Lovencato Silveira	Cascavel	Brasil	1 dia 4 horas	<input type="checkbox"/>

FIGURA 3 – TELA DA MATRÍCULA DOS PARTICIPANTES -
Fonte: Disponível em:
<<http://cursos.marquespalagi.com.br/user/index.php?contextid=2632>>. Acesso em: 16/10/2010

A matrícula foi efetuada por 38 alunos, conforme Fig. 03, no entanto, seis alunos não participarão da pesquisa por não ter acesso à internet. Destes seis, alguns fizeram apenas a matrícula no ambiente.

O ambiente partiu do *layout* simples do Moodle, com fórum de notícias e de discussão, e a primeira atividade teve como ferramenta a Tarefa, em seguida um Fórum e novamente a Tarefa.

Houve logo de início uma participação muito grande de um determinado grupo de alunos, conforme relatórios da Figura 03, que esperam ansiosos por novas atividades, são bastante disciplinados em responder às questões e às solicitações.

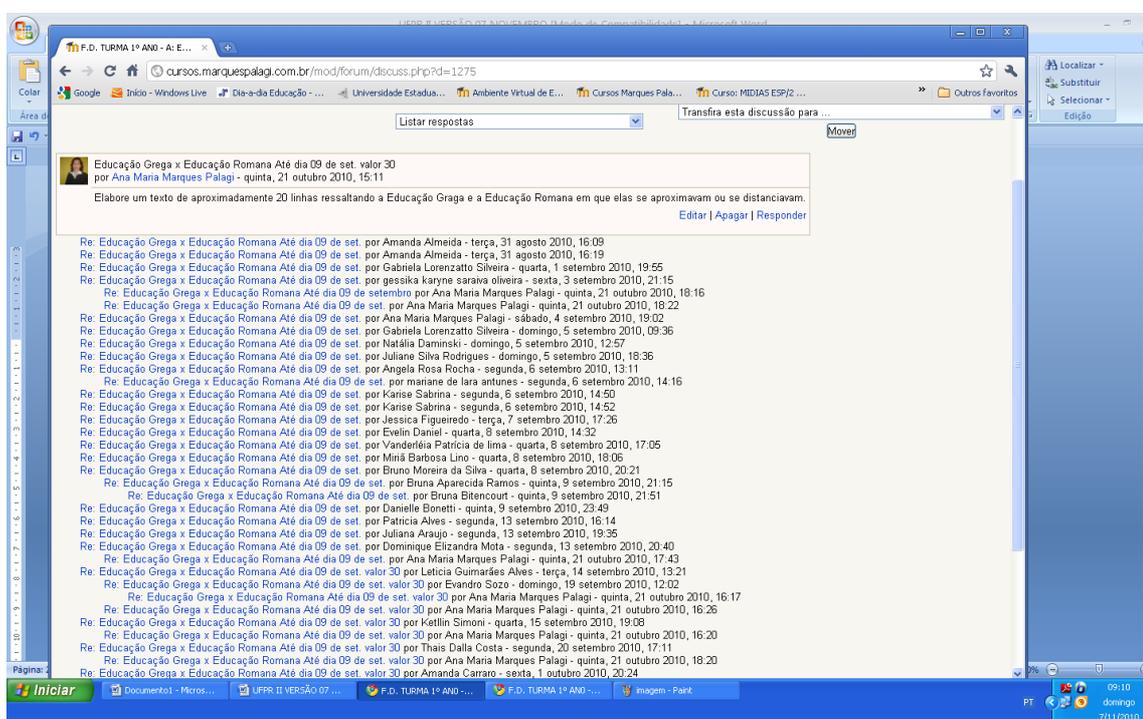


FIGURA 4 – LISTA DE PARTICIPAÇÃO: FERRAMENTA FÓRUM - Fonte: Disponível em: <<http://cursos.marquespalagi.com.br/user/index.php?contextid=2632>>. Acesso em: 10/11/2010.

3.3. OPINIÃO DOS ALUNOS EM SUAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS NO AMBIENTE VIRTUAL

Após duas semanas de uso, foi aplicado um questionário presencial, também disponível no ambiente, buscando saber o perfil da turma, com isso, buscou-se então saber a idade, sexo, bairro de residência, se o aluno era egresso da escola ou não, e identificando a escola que estudava, seu domínio de informática, se tem

computador e internet em casa, forma de discagem, outros meios de acesso à internet, a média de acesso, se os pais acompanham esse acesso, se há conhecimento de ambientes virtuais; ainda se perguntou se houve dificuldade em entender o ambiente usado pela disciplina, nesta pesquisa, qual era a avaliação do ambiente nas duas primeiras semanas, e por fim uma avaliação do porquê alguns alunos não ter acessado o ambiente.

Ao verificar o acesso à internet em uma média semanal todos, que responderam ao questionário, afirmaram que acessam mais de duas vezes na semana, sendo que uma grande maioria acessa todos os dias, ou até 10 horas semanais.

No entanto, isso faz emergir diversas questões: de que modo o uso que as crianças e os jovens fazem das mídias em seu tempo livre pode desafiar o trabalho escolar? Como podemos acompanhar a experiência das crianças e dos jovens com as mídias e em que ela consiste? Como podemos levar as experiências das crianças e dos jovens para a sala de aula? Que processos mídia-educacionais precisam ser desenvolvidos na escola? Que competências os professores devem desenvolver para integrar as mídias ao ensino? Que tipos de papéis os professores e supervisores deveriam desenvolver nesse sentido? (TUFTE e CRISTENSEN, 2009, p.113-114).

Quanto à avaliação que os alunos fizeram do ambiente nas duas primeiras semanas foi uma avaliação positiva, e apontaram que é “mais divertido” para aprender. Dando voz a eles as falas são:

Aluno 1: Muito dez, seria melhor que todos os professores fizessem um.

Aluno 2: Muito interessante;

Aluno 3: Ótimo, Um espaço excelente de muito ajuda;

Aluno 4: Achei que é mais fácil para fazer os trabalhos;

Aluna 5: D tudo bem (: prof ja viciou no moodle entro mais nele q no orkut ashaushauhsa; enfim, de todos os alunos que responderam, os mesmos aprovaram em 100%.

Foi ainda perguntado aos alunos a que eles atribuíam de alguns colegas não terem acessado o ambiente, responderam que alguns não tem internet, outros por falta de interesse e a maioria pela dificuldade de acessar, principalmente por terem perdido a senha cadastrada no laboratório da escola, acompanhada pela professora.

Disso podemos inferir que ao se tratar de mídias, de internet é necessário levar em consideração a inclusão e a exclusão digital, pois:

Embora a maior parte da bibliografia sobre exclusão digital produzida pelas organizações internacionais enfatize o potencial das TICs para reduzir a pobreza e a desigualdade, a dinâmica social funciona, na prática, em sentido reverso: a introdução de novas TICs aumenta a exclusão e a desigualdade social. A universalização do acesso é antes de tudo um instrumento para diminuir os danos sociais, do ponto de vista da luta contra a desigualdade. Por quê? A pobreza não é um fenômeno isolado. A maneira pela qual a pobreza é definida e percebida depende do nível de desenvolvimento cultural/ tecnológico/ político de cada sociedade. A introdução de novos produtos que passam a ser indicativos de condição de vida “civilizada” (seja telefone, eletricidade, geladeira, rádio ou TV) aumenta o patamar de bens considerados necessários, abaixo do qual uma pessoa, ou família, é considerada pobre. (GUEDES E SORJ, 2008, p.02).

Então este não acesso por parte dos alunos se passa pela questão do não acesso aos bens tecnológicos, por questões sócio-econômicas.

Outra avaliação do ambiente e do desenvolvimento da pesquisa é que apenas um aluno conhecia um ambiente virtual, visto que sua mãe faz um curso a distância. No entanto, ao serem indagados se tiveram dificuldades em entender o ambiente virtual da disciplina, dos 29 alunos que responderam a pergunta, 13 afirmaram que não; 06 disseram que mais ou menos, 10 afirmaram que tiveram dificuldade e 01 não respondeu.

Quanto às atividades postadas aos alunos, suas respostas não trazem grande confusão no ambiente, ou seja, eles compreendem bem a metodologia da ferramenta, com um percentual bem baixo de erros de postagem. A ferramenta chat, realizada apenas para avaliação desta pesquisa, e ambientação da ferramenta, contou com a presença da professora, e apresentou um problema inerente a maioria dos chat: fuga do tema, esvaziamento do conteúdo, senso comum, e questões pessoais envolvidas no ambiente.

Os alunos, apesar de serem considerados conhecedores e inovadores nas mídias, isso poderá ser confirmado no manuseio; faltam-lhes, portanto, a compreensão das mídias, suas ferramentas enquanto compreensão de espaço de aprendizagem, o que então cabe aos professores essa cultura das mídias, seu desenvolvimento, função, objetivos, ou seja, “é a capacidade de os professores qualificarem os alunos na direção de uma utilização excelente das possibilidades das mídias, a fim de que eles possam desenvolver como cidadãos verdadeiramente democráticos” [...]. (TUFTE e CRISTENSEN, 2009, p.113). Porém nem o espaço de sala de aula foi ainda compreendido pelos alunos como um espaço formal de aprendizagem.

Não foi levado em consideração o número de participantes na ferramenta chat, conforme Figura 04, mas sim os que participaram como avaliariam a ferramenta, nos quesitos aprendizagem, interação.

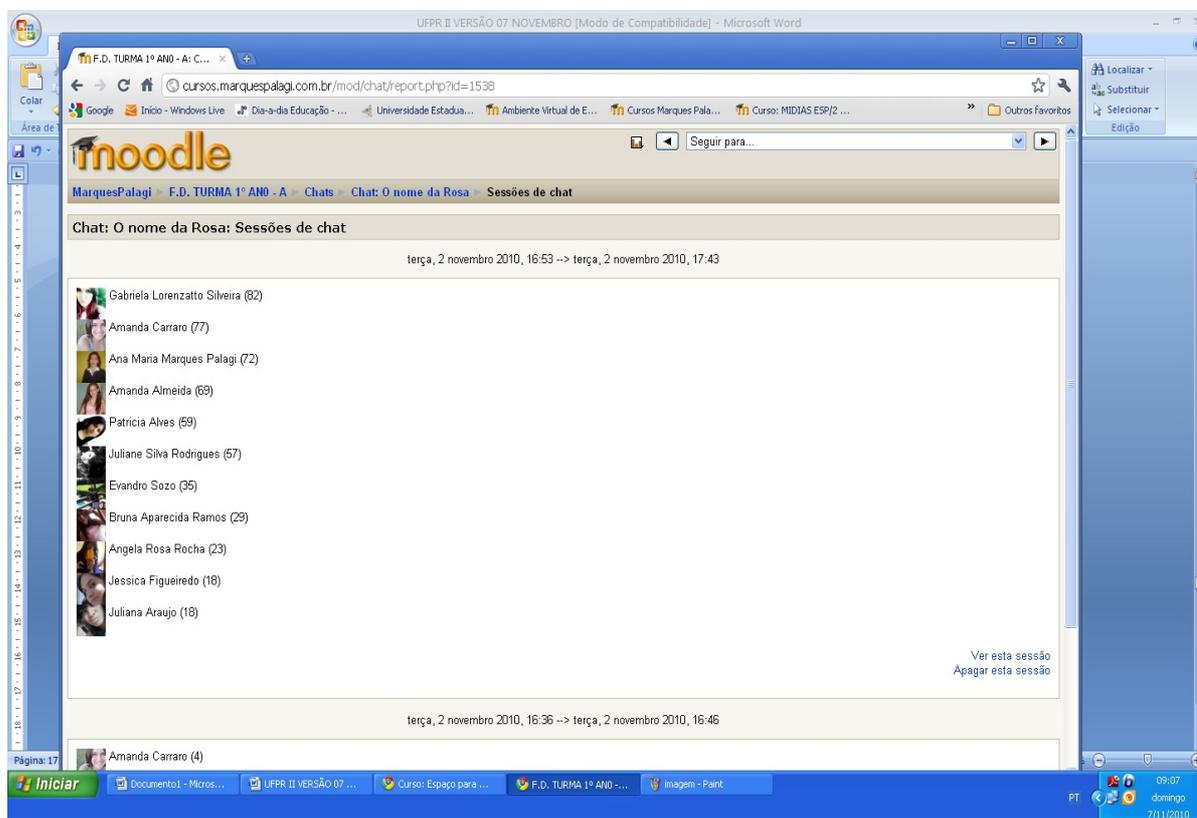


FIGURA 5 – RELATÓRIO DO CHAT REALIZADO - Fonte: Disponível em: <<http://cursos.marquespalagi.com.br/user/index.php?contextid=2632>>. Acesso em: 10/11/2010.

Neste momento a categoria mediação foi muito importante. BORTOLOZZO *et al.* (2010, p.02) trata do papel do professor na mediação, como uma ação importantíssima, pois há uma intencionalidade, que foi previamente sistematizada e planejada. Isso não resulta de que em toda interação ocorra em aprendizagem, alerta a autora.

Ao tratar do papel do professor frente à mediação Libâneo *apud* BORTOLOZZO, *et al.* afirmam:

A mediação do professor consiste em problematizar, perguntar, dialogar, ouvir os alunos, ensiná-los a argumentar, abrir-lhes espaço para expressarem seus pensamentos, sentimentos, desejos, de modo que tragam para a aula sua realidade vivida. (BORTOLOZZO, 2009, p. 13).

Ao avaliarem a ferramenta os alunos aprovaram-na, com a ressalva de que deve ocorrer durante a semana – pois este foi realizado em um feriado.

Nestas primeiras semanas foram então trabalhados os recursos e as ferramentas: Acrescentar Recurso, usando *Link a um arquivo ou site*, com arquivos postados em PDF, Power Point, Word, link de filmes; Fórum, Tarefa e Chat.

Com um novo encontro presencial, encaminhou-se a explicação de cada atividade, pois as avaliações ainda devem contemplar seminários, trabalhos escritos de pesquisa bibliográfica, análise de filmes. Outras ferramentas começaram a ser testada, como Diário, Wiki e Questionário.

O entendimento do Diário e da Wiki não foi de fácil compreensão. O diário apesar da nota explicativa na própria atividade, os alunos interpretaram como um diário pessoal, escrevendo a rotina diária de sua vida; com a mediação da professora, houve mudança e entendimento da ferramenta. Quanto a WIKI, houve questionamento por mensagem e os alunos após uma semana, não se aventuraram em seu uso.

Esta pesquisa também não objetivou falar dos Ambientes Virtuais e suas ferramentas, porém isso se fez necessário quando da dificuldade de o aluno entender o processo de funcionamento da ferramenta, isso resultou que sozinhos não conseguiram usar a ferramenta WIKI, pois não compreenderam sua dinâmica

BUCKINGHAM, *apud* TUFTE e CRISTENSEN, diz:

Talvez estejamos assistindo ao crescimento de um golfo entre os estilos de aprendizagem cultivados pela educação formal e aqueles que caracterizam as experiências extra-escolares das crianças. [...] Seria totalmente falso supor que os jovens já sejam usuários competentes dessas novas mídias ou que eles necessariamente já saibam tudo o que precisam saber. (BUCKINGHAM, 2003). (TUFTE e CRISTENSEN, 2009, p.104).

Com isso é possível perceber que haverá necessidade de orientações presenciais no uso destas ferramentas. Neste ponto a pesquisa se depara com outra questão que passa do ensino com mídias como recurso, ao ensino das mídias, ou das ferramentas. Nisso cabe ao professor “conhecimento prático, combinando com a perspectiva analítica e conhecimento sobre linguagens específicas do meio.” (TUFTE e CRISTENSEN, 2009, p.101). O ponto positivo é que os conhecimentos estão se interligando, pois já se verificou nesta experiência de pesquisa que além do conteúdo em si, como por exemplo, Idade Média, os alunos passaram a dominar

produção de material didático, como slides, fazer download de filmes, pesquisas, objetos de aprendizagem colaborativos, sites especializados no conteúdo trabalhado, incluir links, filme.

Em determinadas atividades os alunos realizaram seminários, os quais construíram o material no AVA, no momento presencial tinham as apresentações, neste momento o uso da internet foi de grande valia, pois os mesmos usaram muito o recurso dos links.

A metodologia de trabalho adotado nesta experiência é uma prática pensando na relação do conhecimento, com a comunicação, com os sujeitos e seus contextos.

Uma aluna ao ter que apresentar o ambiente aos pais respondeu que:

- Professora me desculpe por não mandar a resposta do que os pais acham do moodle, mas não posso, pois em minha casa não tem internet, morro no sítio e esta difícil para conseguir sinal, assim meus pais não podem lhe responder. Obrigada.

Nestes contextos, pensa-se em uma escola pública, em um aluno com suas limitações sócio-econômicas, mas também, sujeitos abertos às tecnologias e novas formas de aprender.

3.4. OPINIÃO DOS RESPONSÁVEIS, PELOS ALUNOS, SOBRE O AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

Durante está pesquisa buscou-se então saber se os pais acompanham seus filhos nas atividades mediadas pelo computador, principalmente a internet, em outro momento foi então solicitado que os alunos apresentassem o Ambiente Virtual aos pais explicassem seu funcionamento básico.

Ao dar voz aos pais ou responsáveis os mesmos se manifestaram das mais variadas formas, que serão aqui denominados de responsáveis:

Responsável 01: *Minha mãe disse que não concorda, com o moodle, pois o adolescente não vai se concentrar, e não vai conseguir fazer o trabalho como se deve fazer. Ela disse que todos os alunos deveriam fazer seus trabalhos manuscritos sem exceções.*

Responsável 02: *Bom, a minha mãe disse que é um meio de comunicação legal, só que ela falou que desde que não tenha perigo de ter comprometimento com algo errado pra ela tudo bem, na questão do moodle ser melhor que o papel, ela achou que é mais pratico só que as explicações dos conteúdos são meio vagos. Ela diz que gostou e que é bom esse site.*

Responsável 03: *É um programa muito bom, nós pais podemos sempre estar acompanhando melhor o desenvolvimento no decorrer dos trabalhos, estando sempre em cima de tudo o que fazem. Acho que todos os professores deveriam aplicar este programa, pois penso que iria melhorar muito o desenvolvimento dos alunos, pois entanto já na internet eles teriam mais facilidade para lembrar e fazer as atividades ou os trabalhos... gostei muito mesmo do moodle, é um programa ótimo. Parabéns Professora !*

Responsável 04: *Meu pai achou totalmente diferente, uma forma nova de disseminar o conhecimento, em seu tempo não havia recursos para usar a internet para um bem como adquirir conhecimento tudo era na base da 'decoreba' e não havia praticidade e nem prazer em realizar as atividades desenvolvidas pelos professores, segundo meu pai se na época dele existisse um sistema de ensino e aprendizagem igual ao moodle e ele tivesse acesso sem dúvidas seus estudos teriam ido além do ensino médio, ele também achou ótimo que minhas ações frente ao computador estejam mais voltadas ao ensino do que ao twitter entre outras coisas.*

Responsável 05: *Prezada professora, estive conferido com minha filha as atividades desenvolvidas pelos alunos através da internet e achei muito interessante, estimula os alunos e direciona os sites que devem ser procurados para estudos, gostei de sua iniciativa em trazer os pais para observar as atividades que seus filhos estão realizando, claro que isso é obrigação dos pais, mas com as correrias do dia a dia acabamos muitas vezes não observando o desenvolvimento acadêmico de nossos filhos, ficamos quase um mês sem computador em casa, pois, o nosso não teve mais conserto, e sei que em partes minha filha atrasou algumas de suas atividades. Fiquei sabendo por minha filha que apesar de todo esse trabalho através da internet a senhora tem dado oportunidade de alunos que não tem internet em casa entregarem os trabalhos manuscritos, e gostaria de agradecer pela sua contribuição com a educação da ... Um abraço e tudo de bom!*

3.5. AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM – MOODLE, PELOS DISCENTES

A terceira pesquisa realizada objetivou então avaliar a experiência vivenciada nestes cinco meses. Foram aplicados dois questionários, em sala de aula, presencial. Um dos questionários contemplou a avaliação do ambiente virtual MOODLE, com treze questões abertas. Já o segundo, desta etapa, foi composto de uma questão aberta aos alunos que não usaram o ambiente.

A primeira questão procurou saber se o aluno consegue se organizar melhor no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). As respostas foram que 84,21% afirmam que sim, pois as atividades ficam disponíveis possibilitando a visualização a qualquer momento, afirmando ainda que basta verificar o que não foi feito, contribuindo que os enunciados das questões estão sempre disponíveis.

Já os 15,7% que responderam não, justificaram pelo fato de que ao entrar na internet se distraem, nem sempre estavam na internet, ou por não ter internet em casa e depender de outros ambientes.

O que se pode aferir desta afirmação é que os alunos, mesmo que inconscientes, prezam pela organização e visualização das atividades a serem realizadas. Nas questões negativas se verifica que a internet, ou a informática não está constituída ainda como um ambiente mais direcionada ao pedagógico, mas sim à diversão, ou comunicação informal. Outro fator presente é que a questão sócio-econômica afeta o uso das tecnologias.

Em seguida se perguntou se é possível uma melhor visualização das atividades a serem feitas. As respostas apontaram que 84,2% dos alunos afirmam que sim, e ao justificarem afirmam que é pela melhor visualização das atividades propostas, pela possibilidade de retomar às atividades e por haver as datas e valores bem definidos. A consulta aos relatórios das atividades, realizadas ou não, foram apontados como uma forma eficaz de visualização da situação discente.

Os alunos que responderam não, representando 15,7%, justificaram suas respostas afirmando que não conseguiram visualizar as atividades pelo fato das explicações serem vagas.

Disso se pode concluir que o aluno, principalmente da educação básica, não tem ainda a prática de acompanhar suas tarefas, em forma de agenda, ou seja,

organizar sua vida acadêmica. No entanto, a grande aprovação é pela possibilidade que os ambientes virtuais proporcionam, nesta organização, ou seja, planejamento.

Perguntou-se também se as questões postadas pela professora eram claras e compreensíveis, e os mesmos responderam que sim, em 84,2%; 15,7% responderam que em alguns casos houve dificuldades.

O que foi verificado é que está dificuldade deu-se pela também resposta dada na questão abaixo, ou seja, a não realização da atividade proposta dentro do calendário.

Também procurou saber se o aluno realizou as atividades no tempo proposto, o percentual ficou em 50% ,para os que realizaram; 10,5% responderam que às vezes conseguiram realizar as atividades, e 36% para os que não realizam e apontaram como motivos a dificuldade de acesso à internet, pois estes alunos usam a *Lan house*. Houve ainda a resposta de que se esqueciam de entrar no ambiente.

Nesta questão as atividades do ambientes eram também discutidas em sala, o que se averiguou é que os alunos nem sempre faziam as atividades nas datas propostas, dificultando os encaminhamentos dados, pois a sala se dividiu em grupos: alunos com as atividades realizados, outros que estavam realizando, alguns que necessitavam sempre de um novo chamamento, e com isso as atividades iam se acumulando.

Ao serem indagados sobre a possibilidade de outros professores usarem ambientes virtuais de aprendizagem, como o MOODLE, os alunos responderam em 63,2% que sim. Alguns alertaram que haveria o perigo do plágio, que o tempo para realização das atividades é essencial, haveria economia de tempo; 36,8%, não aprovam, pois teriam muitas atividades, e que isso só facilita ao aluno que tem internet e computador em casa. Nas respostas também foi apontado que não haveria tanta aprendizagem e que é melhor ter as matérias presenciais.

Em toda a fala dos alunos se percebeu a preocupação, ou ao menos o apontamento ao plágio. Com isso também se vê a demanda em trabalhar questões de pesquisa com a educação básica, pois a eles, em suas representações o que proporciona o plágio é a internet, apenas.

Com isso se percebeu que os alunos tem consciência do plágio, bem como a presença do professor, ainda é muito importante. Verificou-se também que houve um não entendimento entre um ambiente que auxilia o ensino presencial e a

educação à distância em si, pois em momento nenhum foi descaracterizado a modalidade presencial.

Quanto à aprovação do ambiente constatou-se que os itens apontados foram: a organização da agenda das atividades, a organização dos conteúdos em si, a visualização das atividades a serem feitas, o relatório de notas. Esses foram os itens mais aprovados pelos alunos.

Já na reprovação os alunos responderam que o material disponibilizado na biblioteca (do ambiente) é muito longo e dificulta a leitura em tela, as atividades eram extensas, a dificuldade em realizar atividades em grupo – principalmente na ferramenta WIKI, houve aluno que não aprovou as explicações (enunciados) das atividades, no entanto, a resposta que mais apareceu, foi a possibilidade em copiar as atividades da internet.

Com isso se percebe que para o aluno o ato plagiar está ligado à ferramenta que usa e não à postura ética do aluno. Já a ferramenta Wiki demanda disciplina, colaboração e construção coletiva e isso não foi constatado no grupo de adolescente, ainda.

Nos problemas de conexão, ou de internet, buscou-se também saber sobre as dificuldades de acesso e problemas particulares de internet, o que foi apontado é que 15,7% tiveram dificuldades de acesso, geralmente por questão de senhas esquecidas, os demais, 84,2% repetiram-se os índices da questão anterior, ou seja, 84,2% não tiveram problemas, enquanto 15,7% apontaram que com baixa conectividade o MOODLE não possibilita o acesso.

Quando perguntados sobre a maior dificuldade encontrada no Moodle, os estudantes registraram que 36,8% não tiveram nenhuma dificuldade; enquanto 15,7% encontraram a maior dificuldade ao acesso e 5,2% tiveram dificuldades nas atividades postadas pela professora pelas versões dos programas não serem compatíveis.

Outros 15,7% encontraram dificuldades na explicação, dadas pela professora, nos enunciados das atividades, por isso não realizavam as atividades.

Nas questões acima se verifica que a questão do acesso a bons equipamentos, de acesso à internet banda larga afeta profundamente o desenvolvimento do trabalho proposto em AVAs, pois esse empecilho fez com que os alunos chegassem a desistir do uso do ambiente.

As dificuldades de entendimento nos enunciados é uma manifestação geral dos estudantes, e isso se dá pela baixa concentração que os mesmos apresentam nos espaços escolares.

Por último foi proposto aos alunos que se expressassem livremente sobre o Ambiente Virtual de Aprendizagem, neste caso o MOODLE, em questões não contempladas na perguntas anteriores, e foram então apontadas com 52,6% não declararam mais nada; quanto aos demais, esses responderam questões já contempladas nas questões anteriores, tais como a facilidade de organização nas questões, a facilidade maior em plágios.

Foi solicitado aos alunos, na primeira questão, que os mesmos atribuíssem uma nota ao ambiente – após responderem todas as questões - considerando o Ambiente Virtual como um espaço de auxílio ao ensino presencial, a média obtida foi 71,6, em uma escala de 0 a 100.

Os alunos que não usaram o Ambiente Virtual também foram ouvidos. A eles foi perguntado o que eles perceberam nos colegas que estavam usando o Ambiente Virtual, através de conversas, comentários, ou outras fontes. As respostas direcionaram as mesmas respostas dadas pelos usuários, ou seja, que o ambiente organiza, facilita as atividades, e de que há uma interação maior entre os alunos, pois eles estão sempre comentando as “novidades” postadas no ambiente. Apontaram questões de plágio e as dificuldades de acesso à plataforma. Apontou-se também ao problema de a classe esta dividida entre os alunos que usavam a plataforma MOODLE e os que entravam as atividades manuscritas. E que isso não é uma boa experiência.

3.6. AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM – MOODLE, PELA DOCENTE

Essa pesquisa, que teve como objetivo geral, demonstrar, através de um relato de experiência, possibilidades de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) como espaços de possibilidades e desafios no processo ensino aprendizagem, trabalhou com os alunos, adolescente, onde sua maioria com 15 anos, na primeira série do curso de Formação de Docentes, em um espaço reduzido de apenas cinco meses, no segundo semestre de 2010. Esses alunos não conheciam esses espaços,

então buscou tanto apresentar e ensinar o conteúdo como a funcionalidade de cada ferramenta. Esse marco situacional, apesar de ser de conhecimento da pesquisadora, foi um fator que trouxe algumas conseqüências á pesquisa e a ação docente, resultando em um espaço muito curto para os retornos ás atividades, visto que era apenas um encontro presencial de duas horas/aula por semana, com 38 alunos.

No entanto, dentro das limitações que foram afrontadas, essa pesquisa aponta que há espaços, possibilidades em usar essa experiência na modalidade presencial.

Primeiramente os ambientes virtuais necessitam serem desmitificados como espaços apenas da modalidade a distância, pois estas podem oportunizar o auto-estudo, pelos documentos eletrônicos disponibilizados pelo professor, verificou-se ainda nesta pesquisa que houve uma “extensão” da sala de aula presencial, os alunos sentiram-se mais próximo do professor, das atividades, ou seja, mais participativos.

Outro fator positivo é a disponibilidade do aluno adolescente se “aventurar” em novas experiências, houve um pronto atendimento e uma maior interação entre eles, pelas discussões das atividades, durante a semana. Percebeu-se também que as dificuldades apresentadas pelos alunos eram as mesmas apresentadas nas atividades tradicionais, ou seja, sistematização do conteúdo. Com as ferramentas só houve dificuldade quando os mesmos não as tinham, como internet banda larga, ou computador.

Aqui é possível também ressaltar que com o uso de Ambientes Virtuais por outros professores, questões como o uso em si da ferramenta serão superados de mais imediato. E pode-se afirmar categoricamente que a turma desta experiência já se encontra apta para iniciar um novo trabalho em uma nova perspectiva, no próximo ano letivo.

Outra demanda apontada são os domínios mínimos das tecnologias de comunicação e informação – TICs - e seus usos nos espaços educacionais, principalmente pelo aluno do curso de Formação de Docente, pois os mesmos apresentaram dificuldade em elaborar trabalhos no Power Point, bem como inserir link, fazer download de música ou filme. O que essa experiência proporcionou apontar essas possibilidades. Como resultado houve apresentações de seminários ilustrados com filmes e feitos nos programas adequados.

Ao dar voz aos responsáveis dos alunos, o que se percebe é que em sua maioria ainda há uma grande confiança nas ações desenvolvidas pelos professores, mesmo sem um conhecimento mais profundo da prática pedagógica. No entanto, o preconceito em relação ao computador e a internet ainda predominam, pois a presença do professor, do lápis e do caderno é essencial, no imaginário dos pais. A justificativa para a representação dos responsáveis é que, em sua maioria, eles presenciam os filhos em atividades não direcionadas pela escola, quando usam o computador, restando apenas atividades de entretenimentos, jogos, comunicação entre amigos, principalmente o Orkut, MSN, Twitter, etc.

O que se verifica é que “o que se usa” muitas vezes tem mais importância, na representação dos responsáveis ou alunos, do que “como se usa”, e esse como usar, que na ação pedagógica deve passar pela compreensão e reflexão “das diversas correntes educacionais e da fundamentação teórica, que está implícita ou explicitamente subjacente ao uso dos recursos educacionais escolhidos e da metodologia empregada no uso do recurso” como afirma documento do Núcleo Regional de Educação de Francisco Beltrão PR.

Os alunos então ao avaliarem o ambiente não conseguiram perceber a presença da professora como mediadora do processo, as avaliações então ficaram no entorno do ambiente e da dificuldade da realização da tarefa. Com isso se pode concluir que os espaços escolares ocupam tempo demais na dinâmica e não se avalia o objetivo final, ou seja, qual conteúdo o aluno conseguiu se apropriar.

Nesta pesquisa-ação, a pesquisadora / professora percebeu que as atividades desenvolvidas em ambientes virtuais, mesmo no ensino presencial, devem ter a dinamicidade que exigem o uso das TICs. A presença ou ausência da professora no ambiente foi de fundamental importância nos resultados, pois os alunos respondiam às atividades, frente a esses comportamentos – de ausência ou presença. A ausência que ocorreu, foi mais acentuada que a permitida e isso tem como justificativa a mudança de cultura que necessita se operar; pois com a organização presencial, o aluno encontra o professor, neste caso, semanalmente, as atividades são conferidas em um só momento, pensadas mais fragmentadas. No entanto, a dinâmica nos AVAs são bem diferentes, pois o professor deve ser um sujeito diário, presente.

Neste ponto podemos trabalhar a categoria mediação, pois:

No entanto, para que esse conhecimento seja construído, partimos de um segundo pressuposto: a necessidade da mediação. Essa mediação que discorremos vai além da mediação cognitiva, ou seja, da relação sujeito e objeto (PIAGET). Ela se própria da linguagem como elemento de mediação social (VIGOTSKY, BRUNNER) e considera o desejo de um e do outro (HEGEL) no processo de mediação: é o que Lenoir (1996) define como mediação didática, ou seja, uma ação exterior que interfere intencionalmente no processo de objetivação e essa ação é planejada intencionalmente pelo professor. (VOSGERAU *apud* NRE/Francisco Beltrão, 2010, p. 03).

Percebeu-se então que a mediação esteve ausente em certos momentos, pois outras barreiras e demandas aparecem, ou seja, trabalhar com as tecnologias exige muito tempo, exige um planejamento mais antecipado e o professor ainda continua com uma carga horária excessiva e um acúmulo de trabalho, além de seus limites. Nisso se criam outras necessidades, outras lutas, que perpassam por lutas da categoria.

O hábito de estudos e a pontualidade na realização das tarefas tem índices baixos entre os alunos, principalmente da educação básica, e isso dificulta uma experiência como esta, pois se percebeu que os mesmos alunos que apresentaram dificuldades, na entrega das atividades com os demais professores, também apresentaram atrasos no espaço virtual. Então as questões são mais de posturas acadêmicas.

A manifestação sobre o uso de ambientes virtuais por outros professores demonstrou certo receio em ter muitas atividades a serem realizadas, mas os alunos também se mostraram bastantes preocupados com o plágio e a ausência de explicações, pelo professor.

Algo pertinente nesta pesquisa é que os alunos necessitam que suas atividades sejam organizadas em forma de agenda. Isso, então, remete-nos ao planejamento do professor, pois seja em formas totalmente presenciais, sejam em ambientes virtuais, ao aluno necessita conhecer este planejamento, para saber como irá construir seu percurso.

Porém, outro dado que nos parece bastante relevante é que o Ambiente Virtual de Aprendizagem seja um espaço de descrição de atividade, com seqüência de instruções, é preciso garantir conteúdos adequados, metodologias, e método, que contribuam efetivamente ao conhecimento.

O retorno das avaliações e o relatório do mesmo, e a possibilidade de o aluno visualizar a qualquer momento a prática docente em suas atividades foi também muito presente nas representações dos alunos.

Essa ação intencionalmente planejada pelo professor nos remete ao terceiro pressuposto, ou seja, o planejamento das situações de ensino e aprendizagem como base para a transformação das tecnologias em recursos educativos. Esse planejamento, que a nível Federal e Estadual é expresso pelas leis e diretrizes relativas à educação, chega ao espaço escolar e sustenta a concepção do Projeto Político Pedagógico e do Regimento escolar, considerando a realidade socioeconômico-cultural e tecnológica da escola. E na ponta final, é traduzido, na prática pedagógica do professor, por meio do seu plano de aula (VOSGERAU *apud* NRE/Francisco Beltrão, 2010, p.04).

Ao pensarmos em um projeto pedagógico que contemple o homem e a sociedade que temos, vislumbrando a que queremos, é essencial considerarmos que o acesso às tecnologias ainda deve ser vencida no contexto de nossos alunos da rede estadual de ensino.

Pois um dado interessante é que os alunos, apesar da disponibilidade em aprender, não tem acesso a esses bens, e são estes que mediam o conhecimento, nesta experiência.

A motivação dos alunos se apresentou bem maior, e a mesma era mais aparente com o retorno avaliativo imediato das atividades postadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se as múltiplas e sofisticadas tecnologias invadiram nossos espaços, é necessário mudar hábitos, criar culturas, pois a escola não vive à margem destas mudanças, Ela é parte da mudança, ela está na mudança. Então os sujeitos ao construir suas histórias, constroem seus espaços, seus contextos e isso se dá pela forma com que agimos no social. Este agir passa pela preparação docente, pelas políticas públicas e não apenas em experiências isoladas.

Os ambientes virtuais de aprendizagem, na educação presencial, não devem ser restritos a alguns poucos entusiasmados, mas sim tornar-se uma prática mais freqüente, com uma utilização mais sistemática, com mais sujeitos envolvidos nas instituições escolares, com mais aprofundamento teórico.

Necessitamos, sim, de formação de professores, de equipamentos, de laboratórios, mas necessitamos de sujeitos que reconheçam que podem promover mudanças. Essas mudanças não se dão no uso ou não das tecnologias, pois elas perpassam pelo entendimento do método, na adoção de metodologias adequadas a esse método, essa concepção de sociedade, homem e educação que se busca.

Propor uma metodologia que envolva ambientes virtuais de aprendizagem, não avança muito se antes não tivermos a clareza das concepções que envolvem a prática docente e discente; clareza no projeto pedagógico da instituição, de sua proposta curricular, pois as tecnologias por si só não diferenciam do escrever na lousa, o que vai fazer a transformação é a proposta pedagógica que o professor pratica.

Pretende-se então, no próximo ano escolar continuar a experiência com a mesma série, já que não há mudanças significativas dos sujeitos envolvidos, e buscar proporcionar aos demais professores da escola espaços de conhecimento desta experiência, nos momentos de formação continuada.

Como todo caminho se faz ao caminhar, esta experiência, está apenas em sua gestação.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira. 2001.

ALTOÉ, Anair; SILVA, Heliana da. O Desenvolvimento Histórico das Novas Tecnologias e seu Emprego na Educação. In: ALTOÉ, Anair; COSTA, Maria Luiza Furlan; TERUYA, Teresa Kazuko. **Educação e Novas Tecnologias**. Maringá: Eduem, 2005, p 13-25.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Plano, 2002.

BELLONI, **Tecnologia e Formação de professores: Rumo a uma pedagogia pós-moderna?** Disponível em:

<<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/7865/tecnologia-e-formacao-de-professores-rumo-a-uma-pedagogia-pos-moderna>>. Acesso em: ago. 2010.

_____. **Educação a distância**. Campinas: Autores associados, 1999.

BENÍCIO, Edgard Ricardo. **A EaD na formação de professores: uma tendência contemporânea**. Disponível em:

<<http://www.partes.com.br/educacao/eadformacao.asp>>. Acesso em: ago. 2010.

BORTOLOZZO, Ana Rita Serenato, *et all*. **A mediação no contexto educacional**. Versão preliminar. Disponível em: <

<http://www.diaadia.pr.gov.br/cfc/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=91>>. Acesso em: out. 2010.

BRASIL - Ministério da Educação – MEC, P. 05 DO TEXTO Disponível em:

<<http://www.partes.com.br/educacao/eadformacao.asp>> Acesso em: ago. 2010.

_____. **Decreto n. 5.622, de 19 de dezembro de 2005**. Regulamenta o Art. 80 da Lei 9.394/96. Disponível em: <<http://www.uab.capes.gov.br>>. Acesso em: 19 jun. 2008.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96**

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da pesquisa ação**. Universidade Católica de Santos. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. **Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia**. Interface (Botucatu) [online]. 1997, vol.1, n.1 [cited 2010-04-03], pp. 109-122 . Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32831997000200008&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1414-

3283. doi: 10.1590/S1414-

32831997000200008.http://www.ceamecim.furg.br/vi_pesquisa/trabalhos/25.doc>. Acesso abr. 2010.

GUEDES, Luís Eduardo. SORJ, Bernardo. **Exclusão Digital: problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas**. Disponível em:

<http://www.bernardosorj.com/pdf/exclusaodigital_problemasconceituais.PDF>.

Acesso em: 10/10/2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MORAN . J. M. **Informática na Educação: Teoria & Prática**. Porto Alegre, vol. 3, n.1 (set. 2000) UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, p. 137-144.

_____. **Perspectivas (virtuais) para a educação**. Mundo Virtual. Cadernos Adenauer IV, nº 6. Rio de Janeiro, Fundação Konrad Adenauer, abril, 2004, páginas 31-45.

_____. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. 4ª ed, Papirus, 2009, p. 101-111.

_____. **Como utilizar as tecnologias na escola**. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/utilizar.htm>>. Acesso em: 15/08/2010.

MOYSÉS, Paulo César Paz. **Mediações entre Memória e Identidade: Um Estudo de Caso sobre um Radialista e seu Programa na Cidade de Pelotas**. Disponível em:<

_____. Disponível em: <<http://cidade.usp.br/redemoinhos/?2005-03/ferramental>>. Acesso 10/08/ 2010.

MUZINATTI. Clausia Mara Antoneli. **Mundo moodle: conhecimento em construção**. Disponível em: <<http://cidade.usp.br/redemoinhos/?2005-03/ferramental>>. Acesso em: 08/08/2010.

PARANÁ. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. BORTOLOZZO, Ana Rita Serenato, *et al.* **A Mediação no Contexto Educacional**. Disponível em: <<http://www.diaadia.pr.gov.br/cfc/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=91>>. Acesso em: 10/09/2010.

_____. Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná/Matemática. 2009.

_____. NÚCLEO REGIONAL DE FRANCISCO BELTRÃO./PR. *Orientações para a integração dos recursos tecnológicos à proposta de trabalho do professor*. Disponível em: <http://www.diaadia.pr.gov.br/nre/franciscobeltrao/arquivos/File/Dilmeire_2a_versao.pdf>. Acesso em: 05/12/2010.

PORTO, Tânia, M. **A televisão na escola. Afinal, que pedagogia é esta**. Araraquara/ SP: J M, 2000. v. 1. 168 p.

_____. *Aprendizagens de ser professora na era da informação e da comunicação*. Disponível em <<http://www.lab-eduimagem.pro.br/frames/seminarios/pdf/tanpor.pdf>>. Acesso em: 12/12/2010.

RICHARDSON, Robert Jarry *et al.* **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

TUFTE, Birgitte; CHRISTENSEN. Ole, **Mídia - Educação – entre a teoria e a prática**. PERSPECTIVA. Florianópolis, v. 27, n. 1, 97-118, jan./jun. 2009 Disponível em: <<http://www.perspectiva.ufsc.br> >. Acesso em: 14/10/2010

LOPES, Marcelino António. GOMES. Maria João. **Ambientes virtuais de aprendizagem no contexto do ensino presencial: uma abordagem reflexiva**. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7098/1/Challenges07-AML-MJG.pdf>>. Acesso em: 12/12/2010.

APÊNDICE



FIGURA 6 – ALUNOS NO LABORATÓRIO DO PARANÁ DIGITAL - Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora



FIGURA 7 – ALUNOS NO LABORATÓRIO DO PARANÁ DIGITAL - Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora



FIGURA 8 – ALUNOS NO LABORATÓRIO DO PARANÁ DIGITAL. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

The screenshot shows a Moodle course page for 'Curso: WILSON JOFFRE' at 'cursos.marquespalagi.com.br'. The page is titled 'F.D. TURMA 1º ANO - A'. The course content includes a section on 'FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO' and a section on 'SEGUNDO SEMESTRE - Terceiro Bimestre'. The page also features a calendar for December 2010 and a list of events.

FIGURA 9 – IMAGEM DA TELA DO CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTE – COLÉGIO ESTADUAL WILSON JOFFRE - Fonte: Disponível em: <<http://cursos.marquespalagi.com.br/user/index.php?contextid=2632>>. Acesso em: 20/12/2010.

FIGURA 10 – IMAGEM DA TELA DO CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTE – COLÉGIO ESTADUAL WILSON JOFFRE

FIGURA 11 – IMAGEM DA TELA DO CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTE – COLÉGIO ESTADUAL WILSON JOFFRE - Fonte: Disponível em: <<http://cursos.marquespalagi.com.br/user/index.php?contextid=2632>>. Acesso em: 20/12/2010.

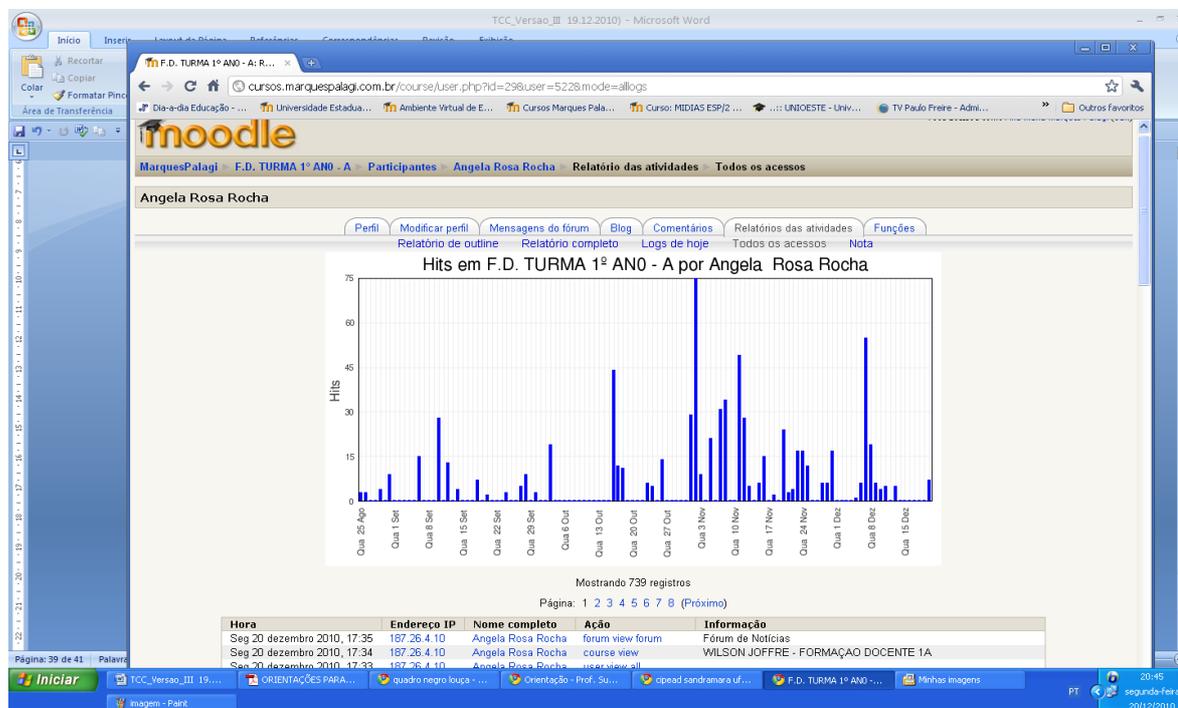


FIGURA 12 – IMAGEM DA TELA DO CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTE – RELATÓRIO DAS ATIVIDADES – COLÉGIO ESTADUAL WILSON JOFFRE - Fonte: Disponível em: <<http://cursos.marquespalagi.com.br/user/index.php?contextid=2632>>. Acesso em: 20/12/2010.

ANEXOS

Questionário 01

Caros Alunos,

Conforme conversa em sala, esta experiência, neste ambiente está se constituindo uma pesquisa na Universidade Federal do Paraná, a mesma objetiva apresentar espaços virtuais de aprendizagem, como auxílio no ensino presencial, por isso teremos alguns questionários para responder.

Necessito da máxima sinceridade nas respostas.

Elas não são divulgadas aos colegas, e não coloque seu nome.

Copie o texto, abaixo, no word, depois responda aqui anexado.

E, de coração, muito obrigada!

1 – Idade

2 - Sexo

3 – Em que bairro você mora?

4 – No ano anterior em qual escola você estudava?

5 – Você tem domínio de informática () ruim() bom() ótimo

6 – Você tem computador em casa () sim() não

7 – Tem internet () sim() não

8 - Se respondeu sim, a internet e banda larga () sim()

9 – Se respondeu não, como e onde você acessa internet?

10 – Quanto tempo você acessa de internet na semana, em média?

11 – Quais os sites que você mais acessa? Coloque por ordem de acesso.

12 - Seus pais têm controle sobre esse acesso?

13 – Você conhecia algum ambiente virtual de aprendizagem, como o que estamos usando?

14 - Você teve dificuldade em entender nosso ambiente virtual da disciplina de Fundamentos da Educação?

15 – Nestas duas semanas o que você achou do espaço virtual?

16 – Alguns alunos ainda não acessaram o ambiente e nem fizeram a matrícula, porque você acha que isso está acontecendo?